

Dizem que Estocolmo é a cidade dos museus. Podiam também dizer que é a das bibliotecas, porque as há por todo o lado: grandes ou pequenas, generalistas ou especializadas, famosas ou anónimas, bem visíveis ao longe pela sua monumentalidade exterior ou discretamente encolhidas numa zona residencial, encontramos-las no meio de jardins públicos, ao pé (ou dentro) dos museus, no centro histórico ou nas avenidas largas, dependentes de todas as instituições públicas imagináveis ou de inúmeras associações culturais e cívicas. Há muitos bairros modernos que contam com a sua pequena biblioteca comunitária, tão imprescindível à beira de casa como o supermercado, a lavandaria, a sauna e o infantário.

Apesar de tanta abundância, lembro-me de que num dos bairros da Universidade era proibido estacionar em determinado local à quarta-feira à tarde, pois esse era o dia em que semanalmente chegava a biblioteca ambulante com livros em todas as línguas para que não restasse qualquer desculpa e todos marcassem encontro com as palavras escritas.

Lembro-me ainda do aspecto amigável das bibliotecas que visitei em Estocolmo: todas elas eram espaços agradáveis, concebidos para serem úteis e, ao mesmo tempo, simpáticos e acolhedores aos visitantes. As suas portas abriam até à noite e aos fíns-de-semana, e era vulgar muitas pessoas combinarem encontrar-se numa das bibliotecas da cidade para um café antes do cinema ou da cerveja de sexta à noite.

Ali, as bibliotecas são verdadeiros pontos de referência aonde se vai com agrado e naturalidade; numa cidade com muitos estrangeiros, era na biblioteca que muitos deles encontravam um espaço familiar e generoso, que folheavam

as notícias das suas terras, escritas nas suas línguas, e assim aprendiam a percorrer as ruas de uma capital desconhecida de sala de leitura em sala de leitura.

No meio de todos os livros que, tentadores e amáveis, esperavam o momento de nos ensinar sempre qualquer coisa mais, havia sempre tempo para escrever uma carta ou uma página de diário, para percorrer um jornal do dia ou, simplesmente, para descansar o corpo e o espírito por entre o silêncio sereno de páginas que se voltavam discretamente.

É assim que concebo uma biblioteca: como um espaço amplo e livre, atraente e confortável, em que o trabalho e o gosto se fundem; como um lugar onde, com uma tarde inteira pela frente, nos podemos sentir numa das melhores companhias do mundo, que é a das lombadas ao alcance de qualquer mão, com milhões de palavras como que dormindo á espera da curiosidade com que as vamos despertar cumplicemente.

Por isso, tanto como de conhecer caras novas, gosto de conhecer bibliotecas novas. Experimento sempre uma biblioteca como se experimenta uma liberdade nova: tudo começa do princípio quando aprendemos os caminhos novos por entre estantes novas, quando aprendemos a responder ao apelo de lombadas novas, quando começamos a reconhecer os mesmos rostos atentos de novos companheiros de mesa e de hábitos. E descobrir assim uma biblioteca é como ir descobrindo, aos poucos, a personalidade de um amigo novo, porque as bibliotecas, como as pessoas, também têm uma personalidade: há-as mais simpáticas do que outras, há as que escondem mais os segredos do que outras, há as que são melhor companhia do que outras.

Assim, ficar a conhecer uma nova biblioteca (e ir coleccionando, dessa forma, "bibliotecas novas") é como fazer um amigo: *e coisa mais preciosa no mundo não há*".

João Veloso

...
e
c
o
i
s
a
m
a
i
s
p
r
e
c
i
o
s
a
...